

A LITERATURA NA AMÉRICA LATINA: DA “ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA” ÀS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO – EM BUSCA DA IDENTIDADE

FLECK, G. Francisco (UNIOESTE-Cascavel)

RESUMO: Ao longo deste texto buscamos refletir sobre o modo como os ideais românticos europeus se projetaram nas literaturas latino-americanas na tentativa de criar uma expressão literária mais autêntica e os entraves que tal projeto encontrou em terras americanas. Presos aos valores do cânone europeu, os escritores latino-americanos buscaram, e seguem buscando, meios de expressar as peculiaridades da cultura latino-americana pela arte literária, valendo-se por tal, muitas vezes, da ideologia da mediação.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo; influência; mediação, ruptura

RESUMEN: A lo largo de este texto buscamos reflexionar sobre El modo como los ideales romancistas europeos se proyectaron en las literaturas latinoamericanas en la tentativa de crear una expresión literaria más auténtica y los entraves que tal proyecto encontró en tierras americanas. Presos a los valores del canon europeo, los escritores latinoamericanas buscaron, y siguen buscando, medios de expresar las peculiaridades de la cultura latinoamericana por medio del arte literario, valiéndose para ello, muchas veces, de la ideología de la mediación.

PALABRAS-CLAVE: Romanticismo; influencia; mediación; ruptura

INTRODUÇÃO:

A constituição de uma nação passa inevitavelmente pela formação da identidade do povo que a compõe. Essa identidade é resultado da compreensão presente dos fatores históricos complexos do passado que contribuíram para que um conjunto específico de indivíduos passasse a conviver sob um conceito de nação que os agrega, apesar das mais variadas diferenças individuais presentes em suas convivências cotidianas.

A formação destas “comunidades politicamente formadas” é o tema envolvente dos estudos de Benedict Anderson (1989). Em seu texto, originalmente

intitulado *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (1983) – cuja tradução ao português: *Nação e Consciência Nacional* (1989) fez perder parte significativa do sentido de movimento, presente em seu título original – o autor nos apresenta a situação política, religiosa, social e linguística das comunidades emergentes do oriente, dependentes das evoluções europeias e os entraves que o processo de tomada de consciência do nacional encontrou no Velho Mundo. Anderson (1989, p. 104) registra, por exemplo, que no começo, o “Império Britânico [...] era um amontoado de possessões primordialmente tropicais espalhadas por todos os continentes”. O autor acrescenta ainda que neste contexto “apenas uma minoria dos povos submetidos possuíam algum tipo de vínculo duradouro de natureza religiosa, linguística, cultural e até mesmo política e econômica com a metrópole”.

Talvez o zelo com que a Espanha e Portugal se empenharam para uniformizar religiosa e linguisticamente seus territórios tenha criado, no continente americano, outros tipos de entraves à emergência da consciência do Nacional. Contudo, podemos aproveitar certas análises do estudioso para entender melhor esse projeto complexo de tomada de consciência do “ser nacional” que também a literatura pode constituir. Anderson (1989, p. 122), registra, ainda com relação às colônias orientais, mas que em parte pode ser aplicada a nossa situação também, que “esses nacionalismos era historicamente ‘impossíveis’ antes do aparecimento dos nacionalismos linguísticos populares, pois, no fundo, foram *reações* de grupos do poder [...]”.

A identidade, deste modo, necessita se desdobrar em um novo complexo aglomerado de sentimentos, percepções, entendimentos, que, por um lado, garanta a cada ser integrante da comunidade a sua individualidade e esta, por sua vez, precisa encontrar na coletividade elementos que lhe possibilitem uma sensação e uma garantia de pertença, de integração e de participação na sociedade por eles constituída.

O encontro entre o “eu” individual e o “outro” coletivo, que resulta tanto em reconhecer as diferenças e encontrar as similaridades, é a base que permeia e sustenta esse processo que submerge nas raízes, no passado que originou o encontro primeiro para emergir, no presente histórico vivido pelo indivíduo, sob a forma de nacionalidade. Essa nacionalidade se traduz em cidadania, que garante aos integrantes da comunidade seus direitos (como ser e como grupo) e estipula seus deveres (para a manutenção do sentimento de coletividade).

Na história da cultura ocidental nenhum outro movimento aprofundou-se nestas questões de forma mais ampla e acentuada como o Movimento Romântico do século XIX e seus desdobramentos posteriores que atingem, sob novas concepções e ideais, a nossa contemporaneidade.

O Romantismo mostra-se avesso às limitações simplistas sejam elas cronológicas ou de qualquer outra ordem, pois o movimento atingiu, em diferentes graus de intensidade, praticamente todos os setores da cultura de todas as nações constituídas no Velho Mundo, assim como as nações emergentes nas colônias europeias na América que já buscavam nos princípios do século XIX as suas independências. Sem restrições a campos específicos, os ideais românticos, que se rebelavam contra os novos moldes da sociedade capitalista emergente e do tecnicismo que dela surgia, multiplicaram-se nas mais distintas áreas como as artes, as ciências, a política, a filosofia, a religião, etc, desde as nações europeias, onde seu aparecimento deu-se em primeira instância, às longínquas extensões americanas do Novo Mundo, onde seus reflexos também propunham profundas transformações.

Nas reflexões que a seguir propomos buscaremos analisar de forma sucinta o modo como alguns dos ideais e sentimentos do Movimento Romântico frutificaram em terras tropicais embora estivessem estas sempre sujeitas às concepções eurocêntricas, berço original do Movimento. Enfatizaremos, contudo, como esses ideais – e dentre eles o da busca de uma literatura nacional – seguem presentes nas manifestações literárias contemporâneas em terras americanas onde ainda se busca “o entre-lugar do discurso latino americano”. (SANTIAGO, 1978, p. II-28).

I- EMPREENDIMENTOS ROMÂNTICOS NA AMÉRICA: EMBATES NOS OLHARES E ENTRADES NAS REALIZAÇÕES

Entre os muitos sentimentos e ideais despertados pelo Movimento Romântico está aquele que levou várias nações a aspirarem ao desejo de autonomia. Segundo registra Bosi (1979, p. 104) “[...] para todas as nações da América, que ignoraram o Renascimento, será este o momento da grande afirmação cultural”. As colônias americanas – distantes dos centros europeus onde as maiores e mais profundas mudanças sócio-econômicas, políticas e culturais que gestaram o Movimento Romântico ocorreram – ficaram fatalmente submetidas às influências das metrópoles e das ideias que delas viajavam lentamente nos navios que cruzavam o Atlântico para aqui, nos trópicos, divulgarem, com certo atraso, as novas da Revolução Industrial inglesa, das mudanças na política francesa, do sucesso do romance como gênero mais expressivo do momento, de novas filosofias, de avanços tecnológicos, de sentimentos de inconformidade e rebeldia, do saudosismo passadista.

Tais aspectos da realidade europeia, aqui nos trópicos, incrementaram o surgimento de novas perspectivas para a expressão artística local que, sob a forte influência destas novas concepções vindas das metrópoles, passa a buscar meios

que possibilitem aos latino-americanos uma expressão mais centrada em sua própria realidade. Tal aspiração se faz notar imediatamente na linguagem adotada, que busca valorizar nossas composições poéticas com seus primeiros traços de mistura com as línguas nativas dos povos americanos, quanto nos temas poéticos, que passam a celebrar a natureza copiosa do Novo Mundo e seus habitantes nativos.

Os poetas e narradores latino-americanos, no intuito de criar uma arte que pudesse refletir a realidade singular e peculiar deste continente – distinta da europeia pelo tropicalismo exuberante de suas paisagens e pelos habitantes nativos destas terras, vinculados profundamente à natureza idílica – lançaram-se ao ideal de, tanto na poesia quanto na prosa romântica, explorar estes temas (a natureza e o indígena) como marcas de uma arte própria, capaz de imprimir cor local às obras aqui produzidas; voltando-se, também, para o intenso processo de mestiçagem que formou as nações latino-americanas.

Estes ideais do Movimento Romântico, contudo, não chegaram à dimensão da totalidade da Natureza e da gente americana. Ainda no século XIX a natureza se impunha à dominação do homem na vastidão dos pampas, na profundidade das selvas, nos áridos desertos, nos rios caudalosos, na fauna selvagem. Quanto às imagens dos nativos americanos – em grande parte escravizados e exterminados pelos conquistadores e colonizadores –, pensou-se somente em seus aspectos idílicos, como figuras pela quais se poderiam reproduzir a unidade perdida no passado mítico do paraíso. A situação social, econômica e cultural dessa parcela humana foi negligenciada, assim como a da parcela africana da população, em prol de um projeto de idealização que se propunha a resgatar valores e conceitos do Movimento produzido no Velho Mundo. A influência europeia, assim, agirá como promotora da exaltação e idealização destes aspectos locais do nosso Romantismo. Tal fato, inevitavelmente, levará a uma desvirtualização poética da realidade americana na arte literária romântica de grande parte do continente, com raras exceções, menosprezando, em parte, a maior de suas riquezas culturais centrada na hibridização e na mestiçagem.

No tocante aos aspectos linguísticos é interessante notar as reações metropolitanas às tentativas de inovação propostas na poesia e prosa românticas. Os estudos de Afrânio e Eduardo Coutinho (1986, p. 328) são bastante exemplares neste sentido ao registrarem que “apenas proclamada a independência, José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, formado em Portugal, [...] demonstrou claramente a presença da ideologia cultural cortesã, entre os fatores de nossa independência”. Segundo registram os estudiosos mencionados “[...] ao ser proclamada a independência do Brasil, o desejo da elite intelectual da corte do Rio de Janeiro era de tentar fazer o povo brasileiro falar como o português falava e escrever como os

árcares faziam.” (COUTINHO, 1986, p. 328). Os pesquisadores registram ainda que o Visconde de Cairu, contudo, reconhecia “ser isso quase impossível devido à existência de dialetos em cada província brasileira”.

Esta querela lingüística no Brasil, que impedia uma verdadeira manifestação de nossa nacionalidade independente, estende-se do Império à República, com as mais diversas formas de influências. Assim, conforme menciona Coutinho (1986, p. 351), “ao invés de, finalmente, libertar-se o mundo literário brasileiro da dominação portuguesa, mais a ela se aferrou graças a um contraditório espírito gramatical manifestado pelos políticos republicanos”. Coutinho (1986, p. 351), registra que foi Rui Barbosa o principal responsável por esta contradição “abrindo caminho, com seu exagerado purismo justificado por uma erudição quase que exclusivamente formal, para o surgimento de um gramático português, Cândido de Figueiredo, responsável pelo atraso expressional dos brasileiros durante muitos anos”. Na contemporaneidade, embora as diferenças entre o uso da língua portuguesa pelos portugueses e pelos brasileiros sejam perceptíveis já num primeiro instante, nossa nação, com seu jeito próprio e único de expressar-se na língua do outro, segue, contudo, atrelada às mesmas normas que aqueles quando se trata de uma expressão padrão, de linguagem escrita. Os fortes traços de imposição da metrópole às ações do colonizado em suas formas de expressão até hoje não se dissiparam.

O ideal romântico que se empenhou em encontrar, além da língua-pátria, a fundação de uma verdadeira identidade nacional, uma expressão literária autêntica, pela exaltação da terra e do povo, da Natureza do Novo Mundo em sua extraordinária abundância e seus habitantes idílicos, na relevância dada à cor-local, desde seu embrião fica submetido às regras, olhares, valores e ditames das metrópoles europeias que determinam, de lá, quais os caminhos a se percorrer aqui. Deste modo, a terra e o homem americanos – submetidos primeiramente aos olhares criteriosos e culturalmente marcados de fora – foram, sob todos os aspectos, idealizados pelos poetas latino-americanos que celebravam, exaltavam e cantavam em seus versos – cujas estruturas já lhes eram de antemão impostas – as suas belezas e narravam em seus romances – sempre submetidos aos modelos dos grandes escritores franceses, ingleses, alemães, espanhóis e portugueses – as bravuras de nossos autóctones. Nossa história da literatura está repleta de exemplos de poetas e narradores que imitavam Lamartine, Manzoni, Chateaubriand e tantos outros europeus. Neste sentido é interessante rever os registros de Bosi (1979, p. 110), que explicitam o proceder do latino-americano de então quando menciona que “o índio, fonte da nobreza nacional, seria, em princípio, o análogo do ‘bárbaro’ que se impusera no Medievo e construía o mundo feudal. Eis a tese que vincula o passadista

da América ao da Europa”. Assim, Bosi chega à conclusão de que o Romantismo na América refez à sua semelhança a imagem da Idade Média europeia. A análise histórica feita pelo crítico sobre o período político no qual o Romantismo oficialmente se introduz no Brasil permite-lhe ainda afirmar que este período da primeira metade do governo de Pedro II, amparado pelo regime agrário e escravista, resultou na subjugação de todos os levantes de grupos locais à margem do sistema. Assim

[...] o nosso indianismo, de Varnhagen a Alencar, pendeu para o extremo conservador [...] o nosso primeiro historiador [...] exaltou ao mesmo tempo o índio e o luso [...] o nosso primeiro grande poeta [...] cantou a beleza do nativo no mais castiço vernáculo [...] nosso primeiro romancista de pulso [...] inclinou-se reverente à sobrançeria do colonizador. A América livre, e repisando a terra da liberdade, continuava a pensar como uma invenção da Europa. (BOSI, 1979, p. 110).

É no Romantismo que História e Literatura passam a ter papéis diferenciados, embora ambos fundamentais na elaboração das ideias, conceitos e formas de conceber a nação, a exemplo do que mencionou Bosi na passagem acima ao referir-se às atitudes exaltadoras, tanto de literatos quanto de historiadores, a respeito da presença europeia no princípio mesmo de nossa história da literatura. A tensão gerada neste momento histórico europeu, e também americano, faz surgir, no cenário da Literatura, um novo gênero de romance que, embora não seja diretamente documental, pois é artisticamente elaborado, passa a competir com a história o direito de recuperar o passado nacional – estamos falando do romance histórico, surgido em 1819, na Inglaterra, nas composições de Walter Scott. Este modelo, além de amplamente traduzido, é também imitado em larga escala na Europa e, na América, passa a ser uma das formas mais vigorosas da expressão nacional em praticamente todos os emergentes territórios americanos livres. No Brasil encontrou na formação do povo um tema essencial. O autóctone brasileiro, no século XIX, ao ser retratado nos romances históricos de Alencar, por exemplo, sob a forte influência dos modelos românticos europeus, não aparece como aquela parcela do povo nativo em sua maioria exterminada pelo colonizador, mas idealizado, tendo como essência a imagem europeia do homem herói medieval. O canibal e o antropófago, por exemplo, não são modelos para esta literatura, embora se saiba que na prática tribal esta era a imagem mais presente entre os nativos tupis e tupinambás.

O Romantismo, em suas bases, não é de forma alguma um movimento de conformismo e submissão; pelo contrário, nasce como reação de rebeldia e inconformidade contra a mecanização do mundo e a exploração do homem – consequências da Revolução Francesa e da Revolução Industrial Inglesa. Marcas do

Positivismo, do Iluminismo, da Religião em conflito são acontecimentos que auxiliaram a sua gestação, são aspectos que se evidenciam em suas mais variadas ramificações nas artes, na filosofia, na política, na própria Religião e em praticamente todos os setores da vida. Nas colônias americanas, entretanto, ainda em plena submissão política às metrópoles no início do século XIX e das quais conseguiriam liberta-se ao longo deste, as premissas do Movimento Romântico encontraram um ambiente onde sua implantação, extensão e frutificação seguiriam outros rumos. Sérgio Buarque de Holanda (1977, p. 3), em sua obra *Raízes do Brasil*, anota:

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.

O peso da influência e a clara posição do deslocamento em terras americanas destes ideais europeus são demonstrados ao longo de todo o texto de Holanda. A independência política das nações americanas, contudo, não significou a sua independência econômica nem cultural. O fato de desvencilhar-se politicamente da metrópole foi um processo que se deu de formas distintas nos diversos territórios americanos: porém, a proclamação da independência, com guerras ou com gritos, não significou a ruptura com a hegemonia eurocêntrica. No Brasil, o que ocorreu em 1822, de forma bastante pacífica em relação às guerras de independência das nações hispano-americanas, em última instância, foi uma espécie de prolongamento da extensão do Estado Português já em plena decadência.

O projeto empreendido pelos escritores românticos do século XIX nas nações colonizadas – embora não tenha realizado em plenitude grande parte de seus ideais – com o objetivo de busca de uma identidade nacional contribuiu, de forma decisiva, para fazer surgir uma tradição literária, uma língua mais nacional e um sentimento de patriotismo que, em movimentos sucessivos posteriores, retomariam as bases destes ideais sob novas perspectivas e enfoques. Poetas e romancistas românticos foram os primeiros a sentirem deste lado do Atlântico, aquilo que, bem mais tarde, seria teorizado por Harold Bloom (1991) e denominado “angústia da influência”.

Antônio Candido (s/d, p. 16) esboça essa “angústia” ao comentar um trecho da obra de Álvares de Azevedo (que na floresta há insetos repulsivos, répteis imundos, que a pele furta-cor do tigre não tem o perfume das flores – que tudo isso é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade) avali-

ando: “Trechos capitais, exprimindo a ambivalência do nosso Romantismo, transfigurador de uma realidade mal conhecida e atraída irresistivelmente pelos modelos europeus, que acenavam com a magia dos países onde radica a nova cultura intelectual”. O crítico, em sua obra *A formação da Literatura Brasileira* – Vol. 2. (s/d, p. 21), adota uma visão otimista com relação às influências eurocêntricas em nossa literatura do período romântico. Não nega a constante presença dos modelos estrangeiros e busca, por outro lado, ressaltar as tentativas de particularizar o indianismo dos românticos brasileiros e aponta que a escrita dos românticos em nossas terras “denota tendências para particularizar os grandes temas, as grandes atitudes de que se nutria a literatura ocidental, inserindo-as na realidade local, tratando-as como próprias de uma tradição brasileira”.

Esta busca efetuada nas antigas colônias europeias na América – de dotar as nações emergentes “de uma literatura equivalente às europeias, que expresse de maneira adequada a sua realidade própria, ou, como então se dizia, uma ‘literatura nacional’” (CANDIDO, s/d, p. 9-10) – atravessa todo o período romântico, estendendo-se aos movimentos posteriores e só nas manifestações vanguardistas do Modernismo – com as várias rupturas com os modelos europeus propostos por elas – é que há sinais de concretização de parte destas aspirações. A arte, de certa forma, atrelada às condições sociais, políticas e econômicas que ao longo dos séculos não conseguiram ainda libertar-se do jugo dos países dominantes, embora estes tenham se alternado em certos momentos históricos, segue buscando na contemporaneidade seu modo próprio de expressão, incorporando as influências como substâncias mesmas de sua expressividade.

A seguir buscaremos refletir sobre a prática contemporânea da busca de uma literatura mais própria, destacando os principais meios e modos pelos quais os escritores latino-americanos se enfrentam com o desafio da autenticidade sob o jugo ainda da “angústia da influência”.

3- O DISCURSO E SUA PRÁTICA: ENTRE A MEDIAÇÃO E A RUPTURA

Como se pode perceber, uma das possíveis saídas para a crise cultural dos latino-americanos é, pois, a valorização dos elementos de mestiçagem. Esses elementos estão na base da formação de nossos povos e possibilitam a contaminação da cultura hegemônica pela mistura desta com os elementos autóctones, alternando, assim, a noção de unidade e pureza zelosamente mantida pelas correntes culturais cêntricas como fundamentos do cânone e diretrizes dos modelos a serem seguidos.

A arte latino-americana, no momento em que se atreve a tocar no cerne destes dois conceitos, pureza e unidade, secularmente impostos às culturas perifé-

ricas, com o intuito de alterá-los, por mínimas que sejam as mudanças almeçadas, já principia um processo de libertação que conduz à autenticidade e abre caminho para uma possível descolonização. Este processo se fundamenta, sobretudo, na hibridização - termo que agrega os conceitos de mestiçagem e sincretismo que, em outros tempos, já eram elementos estranhos às artes europeias, vistas como as "estrelas". Unem-se, assim, características típicas e peculiares das nações latino-americanas antes consideradas alienígenas nas artes submetidas aos preceitos estrangeiros, para revelar o lado autêntico desta arte nova.

De acordo com Zilá Bernd (1998, p.17), a pós-modernidade, período em que hoje vivemos, "ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como um processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade". Assim, é necessário que se revise o conceito de hegemônico e subalterno, pois, num processo de hibridização os aspectos díspares podem, em seu processo de ressimbolização e desterritorialização, gerar novos objetos culturais que, segundo Bernd (1998, p. 18), "correspondem a tentativas de tradução ou inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura". Este aspecto de hibridização presente em nossas culturas latino-americanas promove, pois, os movimentos imaginários de desterritorialização de processos simbólicos, já que se dá a conversão e reciclagem de aportes culturais de movimentos anteriores, os quais são adaptados à nova realidade e integrados na sociedade cultural. Uma das principais consequências disso é, como já mencionamos, a ruptura dos antigos conceitos de unidade e pureza, geradores principais da angústia da influência. A importância deste fato fica explícita nas palavras de Santiago (1978, p. 18):

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: esses dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.

Tal fenômeno cultural tem se efetivado na América Latina principalmente pelo emprego do discurso da transculturação, na ideologia da mediação. Segundo menciona Bellei (2000), em sua obra *Monstros índios e canibais*, na tentativa de administrar o que Harold Bloom chamou de "angústia da influência" e reduzir o

desequilíbrio de poder entre culturas (periféricas e centrais), os escritores/leitores latino-americanos utilizam com frequência o recurso da mediação enquanto uma forma de resistência capaz de produzir mudanças significativas nas condições existentes de poder e dominação. As culturas periféricas, condenadas a sobreviver em uma dimensão de fronteiras entre dominantes e dominados, acabam por produzir práticas culturais de mediação. A fronteira não é jamais simplesmente uma linha divisória, mas um lugar que marca sempre o desequilíbrio de poder e conhecimento entre o central e o periférico, o superior e o inferior. A fronteira é o lugar de uma (des)valorização no qual o elemento subordinado não pode deixar de sentir ao mesmo tempo o desconforto da angústia da influência e o embaraço do inevitável desejo de copiar e imitar.

Pôr este discurso em prática na própria literatura requer o emprego de diversas estratégias que, entre outros fatores, passam pela própria concepção que se tem de escritor e leitor latino-americano em suas investidas contra o "peso da estrela". Casos típicos podem ser considerados os dos escritores Domingo Faustino Sarmiento, da Argentina, José Lezama Lima, de Cuba, e o próprio brasileiro Silviano Santiago. A seguir faremos um rápido esquema das estratégias empregadas por cada um deles no emprego do discurso de mediação presente em suas obras.

3.1. SARMIENTO: A FIGURA PATERNA

O escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento foi um dos primeiros hispano-americanos a adotar o discurso da mediação em sua obra *Facundo: Civilização y Barbárie* (1945). Conforme registra D. Sommer (1990, p. 146), em Sarmiento o discurso da mediação se dá pelo deslocamento, ou seja, pela inversão das polaridades entre centro e periferia. A autora relata a experiência de leitura de Sarmiento da obra *The Prairie* de James Fenimore Cooper. A leitura de Sarmiento enquanto uma forma de mediação revela assim que a América de Cooper é, ao mesmo tempo, um modelo para e, paradoxalmente, uma cópia da Argentina. Ler e escrever fazem aqui parte de uma dimensão em que Sarmiento é ao mesmo tempo o discípulo sofrendo a angústia da influência e administrando tal angústia ao inventar-se a si mesmo como uma figura paterna capaz de dar lições a Cooper, agora reduzido à condição de discípulo, sobre como escrever. O escritor latino-americano assume o papel da figura paterna.

Neste projeto de Sarmiento o que está em jogo é o uso de formas de mediação como uma estratégia capaz de dissolver centros e de propor a possibilidade de uma nova teoria das origens, ou, mais precisamente, da não-origem das origens. O autor argentino não absorve simplesmente de forma passiva e não crítica as imagens e representações presentes na obra de Cooper. Seu conhecimento

prévio da realidade descrita pelo mestre lhe possibilita uma inversão que garante ao que sofre a angústia da influência a sensação de uma experiência anterior ao do próprio imitado. Assim, seu “plágio” toma formas de originalidade baseado nas vivências históricas e nas observações efetuadas pelo discípulo numa realidade semelhante na qual mestre e discípulo encontraram sua inspiração criadora. Nesse contexto teórico, a cópia pode sempre assumir o lugar do original e o discípulo o lugar do mestre. Assim, a leitura de Cooper, feita por Sarmiento, esse ato mediador, corresponde a um dilaceramento característico de autores nacionalistas latino-americanos que têm certa resistência às questões de autoria. No caso exemplar de Sarmiento, Cooper é tanto uma oportunidade para melhorar o modelo como para melhorar a si mesmo.

3.2 JOSÉ LEZAMA LIMA: O SUJEITO METAFÓRICO

Para o poeta, romancista e ensaísta cubano José Lezama Lima, conforme assinala Gustavo Peres Firmat (1990, p. 319-320), o discurso da mediação se dá pela assimilação voraz – de forma criativa e com liberdade de escolha, – de tantas tradições literárias, culturais ou artísticas quanto possível. Deste modo, na visão do cubano, o artista latino-americano constitui o seu discurso mediador pela fusão de formas culturais nativas e estrangeiras. Lezama Lima enfrenta a angústia da influência na fronteira – não tanto pela utilização pouco convincente de um deslocamento que nega a autoridade –, mas antes por um exercício de apropriação que tenta absorver e integrar o que, na cultura do outro, lhe é útil e valioso. O procedimento é aqui diverso do que ocorre em Sarmiento porque, enquanto o esforço para deslocar e substituir implica uma negação do vigor do original, a apropriação traz consigo uma ênfase valorativa: só se toma o que é do outro, tornando-o próprio, porque se trata de uma aquisição valiosa.

A validade maior do modelo torna-se, assim, pelo menos em um primeiro momento, iluminada como um objeto original a ser usado como um começo para a produção de novos objetos culturais dotados de originalidade possivelmente até mesmo maior do que a que marca o original. O “sujeito metafórico” é marcado pela necessidade dialética e dionísica de incorporar o mundo, apropriando-se dele ao constituí-lo no forno transformador da assimilação. Segundo Bellei (2000, p. 154) Sarmiento e Lezama Lima “desenvolvem estratégias discursivas de resistência contra a força repressiva dos centros culturais. Em Sarmiento [...] trata-se de deslocar tais centros; em Lezama, de assimilá-los com alegria”. Em ambos vê-se um exercício de mediação na fronteira entre o centro e a periferia. As diferentes estratégias certamente também apresentam resultados diferentes, mas são manifestações do desejo de inaugurar uma identidade mais livre das angústias da influência.

3.3 SILVIANO SANTIAGO: O DEVORADOR DE LIVROS

O discurso da mediação, para o brasileiro Silviano Santiago, se efetiva pelo ritual antropófago e pelo jogo lúdico com o signo alheio. Efetuado, entre outros meios, pelo uso da paródia que se converte na retomada de textos anteriores, como uma relação transtextual, porém diferenciando-se à medida que esta retomada tem como objetivo não apenas estabelecer as relações com textos precedentes, mas reinterpretá-los pela sua reescritura. Esta reelaboração paródica pode inverter padrões, desestabilizar, desconstruir, distorcer, ridicularizar ou simplesmente dar aos textos primeiros uma nova e surpreendente versão, efeito alcançado pela cuidadosa seleção dos signos linguísticos e pela dimensão simbólica das palavras. Uma prática constante, especialmente para o escritor latino-americano que, como revela Silviano Santiago (1987, p. 20), “[...] brinca com os signos de um outro escritor, de uma outra obra.” Deste modo a reescritura paródica torna-se, para este escritor, um ato de prazer, conforme descreve Santiago (1987, p. 20) ao mencionar que “[...] as palavras do outro têm a particularidade de se apresentarem como objetos que fascinam seus olhos, seus dedos e a escritura do segundo texto é em parte a história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro”.

Na concepção de Santiago, o escritor latino-americano é o devorador de livros mencionado nos textos de Borges. Alguém que lê muito e só escreve de vez em quando. Sua escritura torna-se um ato de prazer, no qual o ritual antropófago de digerir a cultura estrangeira necessita seu tempo. O que distingue seu ponto de vista do de Lezama Lima e o aproxima, de certo modo, dos princípios de Roberto Schwarz (1987, p. 121), que assegura que “é preciso conhecer também o contexto original, para apreciar a diferença, a qual é uma presença objetiva, ainda que um pouco impalpável em nossa vida ideológica”.

4- A MEDIAÇÃO: ALÉM DE RECURSO LITERÁRIO UM MODO DE VIDA

O discurso mediador tem em nosso país características próprias que muitas vezes ultrapassam o campo da ficção e passam a integrar o dia-a-dia do cidadão. Cassiano Ricardo é um dos intelectuais que afirma que no Brasil tudo acontece por mediação. Sérgio Buarque de Holanda exercita esta ideologia em sua obra *Raízes do Brasil* (1977), que aqui já mencionamos. São muitos os exemplos de como este discurso deixou em nossa cultura a esfera do imaginário. Roberto Schwarz (1987), por exemplo, chega a concluir que no Brasil “a ideologia do favor” tem se mostrado como “a nossa forma quase universal de mediação”. Gilberto Freyre estabelece a mediação entre Casa Grande e Senzala (1978). Antônio Candido (1978) registra “A dialética da malandragem”.

Segundo Bellei (2000), a ideologia da mediação tem frequentemente um sentido terapêutico: apresenta-se como uma panacéia capaz de curar boa parte dos problemas sócio-culturais brasileiros e de resolver contradições na cultura. Como o discurso mítico na fórmula clássica proposto por Lévi-Strauss em sua obra *Antropologia Estrutural*. (1973, p. 247-150), o discurso de mediação inaugura um relato no qual significados contraditórios convivem em harmonia.

Certos momentos importantes do Modernismo brasileiro de 1922 são também exemplares no que concerne ao exercício da estratégia de mediação com o objetivo de produzir uma inversão de sentidos. A metáfora utilizada para definir tal empreitada foi proposta por Oswald de Andrade. De acordo com a visão de Bellei (2000, p. 162) “a antropofagia cultural [...] apresenta-se como uma estratégia discursiva capaz de promover a integração da cultura periférica brasileira nas culturas metropolitanas”. Seguindo o raciocínio do estudioso vemos que a proposta antropofágica tenta superar a angústia da influência perante a superioridade de culturas centrais, devorando e digerindo seus artefatos culturais com o objetivo de um fortalecimento do nacional periférico, que seria então capaz de gerar seus próprios objetos culturais e originais e igualmente valorizados. A devoração do estrangeiro seria assim equivalente não ao ato de copiar, mas a de um ato paradoxal de cópia criativa capaz de gerar autonomia e negar dependência.

O prestígio cultural do movimento antropofágico é uma indicação segura do vigor da crença na ideologia da mediação em práticas culturais brasileiras. Na perspectiva mais otimista de Haroldo de Campos (1978, p. 124), a mastigação de discursos estrangeiros resulta em produção artística original na forma de um “policulturalismo combinatório e lúdico” que constitui uma “transenciclopédia carnalizada dos novos bárbaros, onde tudo pode coexistir com tudo”. A transculturação revela-se assim como uma possibilidade de redimir a identidade “nacional” por meio da antropofagia enquanto prática estética. Na impossibilidade de competir com o Primeiro Mundo política ou economicamente, as nações do Terceiro Mundo, podem, pelo menos, considerar-se capazes de produzir artefatos culturais de primeira linha.

A postura de Roberto Schwarz (1987, p. 35-36) diante desta hipótese é, de certa forma, “pessimista” já que não consegue imaginar uma solução para “a angústia da influência” e o “peso da estrela/cópia”. Schwarz começa por lembrar a centralidade do problema da cópia na cultura brasileira a partir da independência política do país, ou seja, a partir do contraditório momento em que o país ao mesmo tempo inaugurava a independência política e perpetuava a dependência em outras áreas como a econômica ou a cultural. Inaugura-se neste momento histórico a vigência de uma cultura condenada a viver permanentemente na fronteira, ou seja, em um não-lugar em que não se está nem dentro (das culturas centrais invejadas) e nem fora (da cultura periférica).

Para Schwarz os discursos culturais de mediação e descentralização podem ser reconfortantes sem conseguir, contudo, alterar sistemas de dominação política ou econômica. Nesse sentido, tais discursos podem bem ser uma forma de paralisação e não resistência, ou mesmo uma força legitimadora de sistemas de opressão. Em situações ex-coloniais como a brasileira, a fuga para o estético torna-se o resultado quase necessário do fracasso do processo modernizador, causado principalmente pelas condições históricas e materiais de indigência. Neste sentido vê-se que cultura, política e economia não conseguem desassociar-se e estão intrinsecamente envolvidas. O entrave de uma causa a parada de outra. A cultura latino-americana tem, mesmo sob condições desfavoráveis, buscado saídas para encontrar uma expressividade autêntica capaz de abranger a dimensão de sua história e de seu povo. Tal objetivo, presente já nos ideais românticos, estende-se à contemporaneidade com novos meios e formas de realização, dentre as quais se destaca o ritual antropófago descrito por Santiago (1978, p. 28):

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, neste lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.

Deste modo, ao assumir a carga da angústia da influência e passar a lidar com ela, não como um estorvo, porém como uma nova possibilidade de alterar diretrizes e deslocar ideias e imagens do centro para a periferia e nela constituir o espaço imaginário no qual uma produção autêntica possa tomar forma, mesmo sendo pela reelaboração, pela paródia, pela carnavalização e outros meios que fazem da linguagem a matéria essencial da literatura, os escritores contemporâneos dão seguimento à luta pela libertação já iniciada no século XIX. Exemplo claro disso é o estudo de Pina Maria Arnoldi Coco (1992, p.19-24) sobre a leitura dos folhetins cariocas do século XIX. Em seu texto, a estudiosa menciona a um “romance epistolar” publicado pela “Semana Ilustrada” de 23 de julho de 1865, no qual “um rapaz desta Corte, apaixonado por uma francesa, resolve, escrever-lhe, para ser melhor entendido, em sua língua. Da mesma forma ela responde”. Este romance-folhetim acaba produzindo, segundo a análise de Coco (1992, p. 19), “um surpreendente jogo de linguagem de efeito metalinguístico e transcultural, apontando uma debochada e carnavalizada saída ao impasse de identidade que não consegue auto-referenciar-se sem passar pelo poderoso modelo francês, em particular, e europeu, em geral”. A técnica utilizada no anônimo folhetim, considerada hoje pós-moderna, é explicada por Arnoldi Coco (1991, p. 24) da seguinte maneira: “A linguagem

dobra-se em si mesma e passa a uma contaminação lúdica e onívora, onde as duas línguas acabam por gerar uma terceira, a da paródia”. Tal fato dá-se constantemente na contemporaneidade, e de forma especial, por exemplo, nas reescrituras dos eventos do “descobrimento” da América pelos intrépidos marinheiros europeus, cujas experiências são ficcionalizadas pelos escritores latino-americanos que atribuem novas perspectivas ao passado revisitado pela ficção inovadora e desconstrucionista do novo romance histórico latino-americano. Exemplos dessa experiência literária podem ser, entre outros, *El arpa y la sombra* (1979), do cubano Alejo Carpentier; *Perros de paraíso* (1983), do argentino Abel Posse; *Vigilia del Almirante* (1992), do paraguaio Augusto Roa Bastos; *Terra Papagalis* (1997), do brasileiro José Roberto Torero.

Nesta prática muitos dos ideais do Movimento Romântico encontram sua realização na atualidade, pois elas instigam os escritores bem como os leitores, a posicionarem-se contra um sistema opressor que buscou, como ainda busca, impor ao latino-americano formas de fazer e conceber a arte literária que são alheias a nossa realidade cultural. Assim, a busca por uma expressão autêntica e própria, de uma arte libertadora, capaz de se expressar livre de angústias, atravessou o ideal romântico e vem se consolidando nas realizações contemporâneas de artistas que, embora condicionados pela dependência econômica e política em que vivem quase todos os países latino-americanos, continuam sonhando com uma cultura nossa, agora mestiça, híbrida, crítica e bela.

CONCLUSÃO:

O Movimento Romântico europeu do século XIX caracterizou-se, sobretudo, por ser uma reação de rebeldia e revolução frente aos novos rumos da humanidade ditados pelas sociedades capitalistas emergentes, bem como pelas novas diretrizes políticas e sociais advindas das mudanças profundas ocorridas nos sistemas administrativos, especialmente aquelas que se podem relacionar diretamente com a Revolução Francesa e as invasões napoleônicas. A busca do ideal no passado medieval, visto como unidade perdida, dá ao movimento os toques de saudosismo e nostalgia que, mais tarde, se transformariam em discursos de desmistificação e questionamento de verdades hegemônicas, quando se dá o entrecruzamento da Literatura e da História no novo gênero romanesco que daí surge: o romance histórico. Este, mais tarde, torna-se uma das mais importantes expressões literárias latino-americanas, rompendo com os padrões clássicos europeus e instituindo visões críticas do passado por meio de leituras paródicas, carnavalizadas, polifônicas, intertextuais e poliperpectivistas do passado americano antes registrado sob a ótica do colonizador.

Parte dos sentimentos e ideais românticos, transportados às colônias americanas, faz nascer entre nativos, mestiços e “criolos” o desejo da independência, a busca pela identidade e a construção de uma literatura nacional; aspectos que no local de origem do Movimento não faziam sentido, uma vez que estas nações já estavam vivendo outro estágio de sua longa existência. As tentativas de produção cultural nas colônias, contudo, viram-se de imediato presas e subordinadas aos modelos já elaborados e tidos como padrão nas metrópoles europeias. As expressões artística latino-americanas não passavam de cópias dos mestres com a presença de certa cor local. A literatura, em especial, sofreu a “angústia da influência”, segundo expressão de Harold Bloom (1991), de forma mais acentuada, pois sua arte passa pelo uso da linguagem, cujas normas e ditames foram sempre impostos pelos centros culturais do Velho Mundo.

Deste modo, a grande maioria dos países latino-americanos apresenta uma literatura romântica que revela a forte influência da cultura central que subordina aos seus moldes as expressões da periferia. A luta por uma expressão literária nacional autêntica nos países colonizados na América, com raras exceções, segue até os dias de hoje. Escritores latino-americanos, agora cientes da angústia da influência, passam a buscar meios e estratégias de alcançar os ideais já propostos pelos românticos. Dentre as estratégias empregadas neste sentido, destaca-se na contemporaneidade e em vários países latino-americanos o emprego do discurso da mediação. A ideologia da mediação, em outras palavras, torna possível uma “inversão de sentidos” que tem por objetivo afirmar, a todo custo, o valor maior daquilo que deveria ser desvalorizado. Um dos usos culturais mais significativos dessa estratégia de inverter sentidos encontra-se na possibilidade de pensar a cópia como superior ao original.

Neste contexto, o professor, crítico literário e romancista brasileiro Silviano Santiago criou o termo “entre-lugar” para designar o espaço imaginário no qual os países periféricos agem para tornar a sua expressividade autêntica e original, embora esta venha com as marcas das culturas dominadoras. O emprego de distintas estratégias possibilita esta reviravolta nos eixos que determinam os modelos. Alguns optam pelo emprego do deslocamento, outros pela assimilação voraz de culturas alheias e, no caso de Santiago, a realização de um ritual cultural antropófago e um jogo lúdico com o signo alheio. Para alcançar tais objetivos os escritores valem-se de recursos como as anacronias, a paródia, a carnavalização, a heteroglossia, a polifonia, a metaficção, a hipertextualidade, os pastiches, as colagens, enfim, aquelas estratégias que lhes possibilitem inverter a ordem, subverter padrões, romper conceitos como os de pureza e unidade, criando obras onde o híbrido aponte como elemento fundamental da cultura latino-americana.

Esta produção artística não está livre de críticas que encaram a ideologia da mediação como uma panacéia, um meio de ocultação da verdadeira realidade e apontam como solução medidas mais drásticas de ruptura e conscientização. Para a realização

dos ideais propostos já no século XIX, tanto a arte literária quanto a crítica têm contribuído de forma bastante relevante e as produções, em ambas as áreas, mostram-se cada vez mais próximas de uma expressão autenticamente latino-americana.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON. B. *Nação e Consciência Nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- BELLEI, S. L. P. *Monstros, Índios e Canibais: Ensaio de crítica literária e Cultura*. Florianópolis: Insular, 2000.
- BERND. Z. (Org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada*. Porto Alegre: Ed. universidade/ UFRGS, 1998.
- BLOOM. H. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. Artur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CAMPOS, H. de. *Poesia, Antipoesia, Antropofagia*. São Paulo: Globo, 1978.
- CANDIDO, A. *A formação da Literatura Brasileira*. 4. ed. Vol. 2. São Paulo: Martins Editora, s/d.
- COCO, P. M. A. "O triunfo do Bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX". In: *Anais do 2º Congresso da ABRALIC*. Vol. II, Belo Horizonte, 1992.
- COUTINHO, A. & COUTINHO E. de F. *A Literatura no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olímpio; Niteroi: UFF, 1986.
- FIRMAT, G. P. (Ed.). "The Strut and the Centipede: José Lezama Lima and New World Exceptionalism". In: *Do Americas have a Common Literature?* Durhan and London: Duke University Press, 1990.
- HOLANDA, S. B. de. *Raizes do Brasil*. II. ed., Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1977.
- LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- SANTIAGO, S. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SCHWARZ, R. "Cuidado com as ideologias alienígenas (respostas a Movimento)". In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.
- SCHWARZ, R. "Nacional por subtração". In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- SOMMER. D. "Plagiarized Authenticity: Sarmiento's Cooper and Others". In: *Do Americas have a Common Literature?* Durhan and London: Duke University Press, 1990.